

Economia Budista

By E.F.Schumacher

Traduzido por Luiz de Rezende Puech – The GH Team (sept.2006)

O “Viver correto” é um dos preceitos do Nobre Caminho Óctuplo de Buda. Está claro, pois, que deve haver algo como a Economia Budista. Os países budistas têm afirmado freqüentemente que eles querem se manter fiéis à sua herança cultural. Burma afirma: “O novo Burma não vê conflito entre os valores religiosos e o progresso econômico. Saúde espiritual e bem estar material não são inimigos: eles são aliados naturais”. Ou: “Nós burmeses temos a dívida sagrada de adequar tanto os nossos sonhos quanto os nossos atos à nossa fé. Isso sempre deve ser observado”.

Ao mesmo tempo, tais países invariavelmente imaginam poder modelar os seus planos de desenvolvimento econômico de acordo com a ciência econômica moderna e chamam economistas das assim chamadas economias avançadas para assessorá-los, para formularem as políticas a serem seguidas e para construir o grande mapa do desenvolvimento, um plano quinquenal ou qualquer coisa semelhante. Ninguém parece se dar conta que uma maneira Budista de viver clama por uma economia Budista, da mesma maneira como a moderna maneira materialista de viver deu origem à economia moderna.

Os próprios economistas, assim como a maioria dos especialistas, normalmente sofre de um tipo de cegueira metafísica, assumindo que a ciência deles é uma ciência de verdades absolutas e incontestáveis, sem nenhum tipo de pressuposição. Alguns deles vão até mesmo ao cúmulo de declarar que as leis econômicas estão livres da “metafísica” ou de “valores”, da mesma maneira que a lei da gravidade. Não precisamos entretanto nos envolver com discussões de metodologia. Ao invés disso, vamos pegar alguns fundamentos e examiná-los para ver o que eles significam quando analisados por um economista moderno e por um economista Budista.

Há uma concordância universal com o fato de que uma fonte fundamental de riqueza é o trabalho humano. Presentemente, os economistas modernos foram levados a considerar o “trabalho” ou a mão de obra como algo um pouco melhor do que uma maldita necessidade. Do ponto de vista do empregador, ele é, em qualquer caso, meramente um item de custo, a ser reduzido ao mínimo possível, caso ele não possa ser eliminado de vez, digamos, pela automação. Do

ponto de vista do trabalhador, o "trabalho" é uma "desutilidade"; trabalhar é abrir mão do lazer e do conforto e o salário é como que uma compensação pelo sacrifício realizado. Portanto, do ponto de vista do empregador, o ideal é ter produção sem empregados e do ponto de vista do empregado, o ideal é ter rendimento sem precisar trabalhar. As conseqüências dessas atitudes, tanto na teoria quanto na prática são,, é claro, de significativo longo alcance. Se o ideal com relação ao trabalho é se livrar dele, qualquer método "que reduza a carga de trabalho" é uma boa coisa. O método mais eficaz, fora a automação, é a famosa "divisão do trabalho" e o exemplo clássico é a enaltecida fábrica de pregos de Adam Smith em seu "Riqueza das Nações". Aqui não é o caso de uma especialização corriqueira, que a humanidade pratica desde tempos imemoriais, mas de dividir cada processo complexo de produção em partes menores, de tal forma que o produto final possa ser produzido a uma grande velocidade sem que nenhum participante tenha para ele contribuído com algo mais do que uma insignificância e na maior parte dos casos, através de algum movimento simplório que provenha dos seus membros.

O ponto de vista Budista com relação ao trabalho, encara a sua função como, no mínimo, tripla: 1)dar ao homem a possibilidade de se utilizar e desenvolver as suas faculdades; 2)capacitá-lo a superar seu egocentrismo pela união aos outros por um objetivo comum; e 3)para que ele seja capaz de produzir os bens que lhe são necessários para uma existência saudável. Novamente, as conseqüências que emanam desta visão, são infundáveis. Organizar-se o trabalho de tal maneira que ele venha a ser sem sentido, desagradável, desprezível ou causador de neurastenias para o trabalhador estaria muito próximo de uma atividade criminosa; iria ser um indicador de uma preocupação maior para com os bens do que para com o produtor dos bens, o homem, uma diabólica falta de compaixão e um grau de apego desalmado para com o lado mais primitivo desta existência mundana. Da mesma forma, se debater por lazer como uma alternativa ao trabalho também é um absurdo desentendimento de uma das básicas verdades da existência humana, qual seja, a de que trabalho e lazer são partes complementares de um mesmo processo de vida e não podem ser separados, sem que se quebre a jóia do trabalho ou a benção do lazer.

Portanto, do ponto de vista Budista devemos distinguir claramente dois tipos de mecanização: aquela que aperfeiçoa a destreza humana e dá ao ser humano, maior capacidade de produzir e aquela que transforma o trabalho do homem em um escravo mecânico, deixando o homem em posição de ter de servir ao escravo materializado numa máquina.

Como separar um do outro? "O artesão mesmo" disse Ananda Coomaraswamy, um homem capaz de falar tanto da antiga realidade oriental quanto da modernidade ocidental, "pode sempre, se lhe

permitirem, traçar a distinção delicada entre uma máquina e uma ferramenta. Uma máquina de fiar é uma ferramenta que vai juntando os fios que os dedos humanos separam e encaminham para que a ferramenta os teça. Uma fiadeira elétrica é uma máquina e o seu significado como uma destruidora de cultura reside no fato de que ela executa a parte essencialmente humana do trabalho". Está bem claro, portanto, que a economia Budista deve ser necessariamente muito diferente da economia do materialismo moderno, uma vez que o Budismo enxerga a essência da civilização não numa multiplicação de vontades, mas na purificação do caráter humano. O caráter ao mesmo tempo, é formado primariamente pelo trabalho do homem .E o trabalho, desempenhado apropriadamente , em condições de dignidade humana e liberdade, abençoa aqueles que o desempenham e igualmente à sua produção. O filósofo e economista indiano J.C. Kumarappa resume a matéria da seguinte forma:

"Se a natureza do trabalho é devidamente apreciada e aplicada, ele terá um papel semelhante ao do alimento para o corpo físico. Ele nutre e eleva o mais elevado dos homens e o incita a produzir o melhor que ele seja capaz. Ele dirige sua vontade livre para o caminho correto e disciplina o animal nele contido, para canais mais elevados. Fornece um excelente embasamento para o homem para que ele demonstre sua escala de valores e desenvolva sua personalidade".

Se um ser humano não é capaz de arranjar trabalho, ele estará numa situação desesperadora, não apenas porque lhe faltará o rendimento mas também porque lhe falta o fator disciplinador e nutritivo do trabalho disciplinado que não pode ser substituído por nada. Um economista moderno poderá se engajar em cálculos altamente sofisticados para determinar se uma situação de pleno emprego vale a pena ou se é melhor girar a economia em situação menos efetiva, de tal forma que esteja garantida uma maior mobilidade da força de trabalho, uma maior estabilidade dos salários, e daí por diante. O critério fundamental de sucesso de que ele lança mão é a quantidade total de bens produzidos num determinado período de tempo. "Se a urgência da disponibilidade de bens é baixa", diz o Professor Galbraith em "A Sociedade Afluente", "então assim o será também a urgência de empregar o último homem ou o último milhão de homens da força de trabalho". E novamente: "Se....podemos garantir algum nível de desemprego em nome da estabilidade --uma proposição, incidentalmente, de antecedentes impecavelmente conservadores— então poderemos ter certeza de conseguir fornecer a esses que estão desempregados os bens que o façam capazes de sobreviver no seu tradicional padrão de vida".

Do ponto de vista Budista isso é bater com a verdade em nossa cabeça pois estaremos considerando os bens como mais importantes do que as

peças e o consumo mais importante do que a atividade criadora. Isso significa alterar a ênfase do trabalhador para o produto do trabalho, isto é, do humano para o sub-humano, uma rendição às forças do mal. O ponto inicial de uma economia Budista seria sempre o pleno emprego e o propósito primeiro disto seria de fato a geração de um emprego para todos que necessitem de um trabalho "externo"; não seria pois nem a maximização do emprego nem a maximização da produção. Mulheres, como um todo, não precisam de um trabalho "externo" e o emprego de mulheres em larga escala em escritórios e fábricas seria visto como um sinal de séria falha econômica. Em particular, deixar as mães a trabalhar em fábricas, escritórios ou residências alheias enquanto seus filhos crescem degeneradamente pelas ruas e favelas seria tão absurdo, aos olhos de um economista Budista, quanto empregar um trabalhador altamente qualificado como soldado para cavar trincheiras, na ótica de um economista moderno.

Enquanto o materialista está fundamentalmente interessado em bens, o Budista está interessado em liberação. Mas o Budismo é "Caminho do Meio" e portanto de maneira nenhuma antagônica ao bem estar físico. Não é a riqueza que se antepõe à liberação e sim, o apego à riqueza; não a fruição das coisas agradáveis e sim a "fissura" por elas. A chave da Economia Budista portanto é a simplicidade e a não-violência. De uma perspectiva econômica, a maravilha do modo Budista de viver é a racionalidade última do seu padrão –o agradavelmente menor levando a resultados extraordinariamente satisfatórios.

Para um economista moderno isso é uma coisa muito difícil de entender. Ele está acostumado a medir o "padrão de vida" por quantidades de consumo anual, tendo como certeza indiscutível que o homem que consome mais "é superior" ao homem que consome menos. Um economista Budista consideraria esse enfoque excessivamente irracional: desde que o consumo é apenas um meio para o bem estar do ser humano, o objetivo deveria ser obter o máximo de bem estar com o mínimo de consumo. Portanto, se o propósito da roupa é obter uma certa quantidade de calor e uma aparência atraente, o desafio é conseguir isto com o mínimo de esforço possível, isto é, com a menor destruição anual de roupas possível e com o auxílio de um design que envolva a menor destruição possível. Quanto menos destruição tiver provocado, mais está liberado para o esforço da criatividade artística. Seria pois altamente antieconômico ir adiante com elucubrações, e sim como no moderno Oriente, onde um efeito de maior beleza pode ser alcançado pelo arranjo criativo de uma peça de tecido não cortada. Seria o cúmulo da bobagem produzir algo que devêssemos usar rapidamente e o píncaro da barbaridade produzir algo esquisito, miserável ou mal cuidado. O que acaba de ser dito sobre roupas, se aplica igualmente a qualquer das necessidades humanas. A propriedade

e o consumo de bens é um meio para atingir um fim específico, e a economia Budista é o estudo sistemático de como se atingir determinados fins, com a menor utilização de recursos.

A economia moderna, por sua vez, considera o consumo como o único e válido objetivo de toda a atividade econômica, tomando os fatores de produção -terra, capital e trabalho- como meros meios. A primeira, em resumo, tenta maximizar as satisfações humanas pelo padrão ótimo de consumo, enquanto que a última tenta maximizar o consumo pelo padrão ótimo do esforço produtivo. É fácil se perceber que o esforço necessário para sustentar um modo de vida que busca atingir o padrão ótimo de esforço produtivo é obviamente muito menor do que aquele dispendido para sustentar um sistema que quer atingir o máximo de consumo. Não devemos ficar surpresos, pois, que a pressão e a tensão da vida seja muito menor, digamos, em Burma do que o é nos USA, a despeito do fato de que a quantidade de máquinas poupadoras de trabalho usadas no primeiro país seja infinitamente menor do que no segundo.

Simplicidade e não-violência estão obviamente ligadas bem de perto. O padrão ótimo de esforço produtivo, que é produzir um alto grau de satisfação humana com uma taxa relativamente baixa de consumo, permite às pessoas viverem sem grandes pressões e tensões, e as possibilita preencher a injunção básica do ensinamento Budista que é: "Pare de fazer infernizações, tente fazer o bom". Uma vez que os recursos naturais são limitados em todas as partes do mundo, as pessoas usando esses recursos para satisfazer suas necessidades de forma modesta, com certeza estarão menos propensas a agarrar as gargantas uns dos outros, do que aquelas pessoas que dependem de uma maior taxa de utilização desses recursos. Igualmente, as pessoas que vivem em comunidades locais altamente suficientes estão muito menos propensas a se meterem em violência em larga escala do que aquelas pessoas cuja existência depende de sistemas mundiais de comércio.

Do ponto de vista da economia Budista, portanto, a produção a partir de recursos locais para necessidades locais é o modo mais racional da vida econômica, enquanto que a dependência de importações de regiões longínquas e a conseqüente necessidade de se produzir para exportar para povos desconhecidos e distantes é altamente anti-econômica e apenas justificável em casos excepcionais e numa pequena escala. Da mesma maneira que um economista moderno irá admitir que o consumo excessivo de serviços de transporte entre a casa de uma pessoa e o seu local de trabalho significa uma desventura e não um padrão mais elevado de vida, da mesma forma pensa o economista Budista do fato de você satisfazer necessidades humanas com recursos que se acham distantes ao invés de se utilizar os que estão próximos como que

expressando antes uma falha do que um mérito. O primeiro tende a tomar as estatísticas que demonstram o acréscimo das toneladas métricas per capita manipuladas pelo sistema de transporte de um país como uma prova de progresso econômico, enquanto que o último, o economista Budista- vai observá-las como um índice altamente indesejável da deterioração do *padrão* de consumo.

Outra diferença gritante entre a economia moderna e a economia Budista surge da utilização dos recursos naturais. Bertrand de Jouvenel, o eminente filósofo político francês, caracterizou o "homem ocidental" com palavras que devem ser tomadas como uma descrição divertida do economista moderno:

"Ele tende a contar como nenhum dispêndio, tudo aquilo que não seja o esforço humano; ele não parece levar em conta o quanto de recursos minerais ele gasta e, pior, o quanto de matéria viva ele destrói. Ele não parece levar em conta o fato de que toda a vida humana é uma parcela dependente de um ecossistema de muitas formas diversas de vida. À medida que o mundo seja regulado a partir de cidades nas quais o ser humano esteja completamente desvinculado de qualquer outra forma de existência de vida que não a humana, o sentimento de pertinência a um ecossistema não lhe é revivido. Isso resulta num tratamento cruel e imprevidente das coisas das quais na realidade nós dependemos, como as árvores e a água".

Os ensinamentos de Buda, por sua vez, expressam uma atitude reverente e não violenta para com todos os seres sencientes e também uma grande ênfase no que diz respeito às árvores. Todo seguidor de Buda deve, sempre que possível, plantar árvores e delas cuidar até que estejam devidamente constituídas e o economista Budista é capaz de demonstrar sem dificuldade que a observação universal desta regra resulta numa alta taxa de verdadeiro desenvolvimento econômico independente de qualquer ajuda externa. Grande parte da decadência do sudeste da Ásia (assim como em várias partes do mundo) decorre indubitavelmente de um descaso inexplicável e vergonhoso com relação às árvores.

A economia moderna não distingue entre os recursos renováveis e os não-renováveis, já que o seu método é apenas equalizar e quantificar tudo através de um preço. Assim, lança mão dos vários combustíveis alternativos, como o carvão, o petróleo, a madeira, ou a força hidráulica: a única diferença entre eles que a economia moderna reconhece, é o custo relativo por unidade equivalente. O mais barato é automaticamente o preferido, e pensar de outra forma, é não só irracional, como também "antieconômico". Do ponto de vista Budista, é claro, isso não funciona assim; a diferença essencial entre os combustíveis não renováveis como o petróleo e o carvão por um lado, e os renováveis, como a madeira e o poder hidráulico não pode simplesmente ser ignorada. Os bens não renováveis só devem ser utilizados em casos extremos, quando forem absolutamente

indispensáveis, e assim mesmo com grande cuidado e a mais absoluta preocupação com a sua preservação. Usá-los de maneira descuidada ou de maneira extravagante é um ato de violência, e mesmo que a não-violência absoluta não possa ser atingida nesta existência terrena, não deixa de haver um comprometimento profundo do homem para atingir o ideal da não-violência em tudo o que ele faz.

Assim como um moderno economista europeu não irá considerar uma boa coisa se todos os tesouros da arte européia forem vendidos para os USA mesmo que por preços atrativos, da mesma forma o economista Budista deve insistir na idéia de que uma população que baseia sua vida econômica no consumo de recursos não renováveis, está vivendo qual um parasita, de seu capital e não de seus rendimentos. Tal tipo de vida não tem futuro e só pode ser justificado como um expediente meramente temporário. À medida que os recursos não renováveis – carvão, petróleo, e gás natural – estejam distribuídos de maneira desigual pelo mundo afora e indubitavelmente limitados em quantidade, está claro que a sua exploração a taxas crescentes é um ato explícito de violência contra a natureza, o que, inexoravelmente, levará à violência entre a humanidade.

Só este fato isoladamente já deveria trazer alento à reflexão para mesmo aquelas pessoas que vivem em países Budistas e não se preocupam com os valores espirituais e religiosos de sua herança e que desejam ardentemente abraçar o materialismo da economia moderna da maneira mais rápida possível. Antes de desprezar a economia Budista com um sonho nostálgico, eles devem avaliar se o padrão de desenvolvimento econômico desenhado pela moderna ciência econômica é capaz de levá-los aos lugares em que eles gostariam de estar. No fim do corajoso livro “O Desafio do Futuro do Homem” o Professor Harrison Brown, do California Institute of Technology (Cal-Tech) oferece a seguinte consideração:

“Assim vemos que, assim como a sociedade industrial é fundamentalmente instável e sujeita a reversões para a existência agrária, da mesma forma as suas condições internas que oferecem a liberdade individual também são instáveis na sua habilidade de evitar as condições pelas quais ocorreria a rígida organização e o controle totalitário. De fato, quando examinamos todas as previsíveis dificuldades que desafiam a sobrevivência da sociedade industrial, é difícil se vislumbrar como a obtenção da estabilidade e a manutenção da liberdade individual podem se fazer compatíveis”.

Mesmo que não consideremos uma visão de longo prazo há a questão imediata de se a “modernização” como praticada hoje em dia, sem a consideração pelos valores religiosos ou espirituais, está produzindo algum tipo de resultado agradável. No que diz respeito às massas, os resultados parecem ser desastrosos – um colapso da economia rural, um desemprego crescente tanto nas zonas urbanas quanto nas rurais, e o

crescimento de uma massa marginalizada nas cidades, sem nenhum tipo de alimento, quer para o espírito quanto para o corpo.

È sob a luz tanto da experiência imediata quanto das perspectivas de longo prazo que o estudo da economia Budista pode ser recomendada, mesmo para aqueles acreditam que o crescimento econômico é mais importante do que qualquer valor espiritual ou religioso. Pois não se trata de uma questão para escolher entre "crescimento moderno" ou "estagnação arcaica" e sim para que localizemos o padrão correto de desenvolvimento, o Caminho do Meio entre o materialismo perdulário e a imobilidade tradicionalista, enfim, de se achar, numa palavra, o "Modo de Vida Correto".